

COLOMBINA

(Yde Schloenbach Blumenschein)

(Fanny Luiza Dupré)

Uma cigarra entrou cantando pelo Planalto, com seu canto repleto de melodia e lirismo.

Que cigarra era essa que entoava sua canção enquanto o formigueiro da metrópole, laborioso, nas fabricas e oficinas ganhava suarento o pão de cada dia? Que cigarra era essa que vinha com seu canto dar alento ao coração solitário que mendigava um pouco de poesia?

Era Colombina, "a cigarra do Planalto", como a chamam por seus incomparáveis versos, por sua poesia profundamente humana, de comovente lirismo.

De pai alemão e mãe de ascendência francesa, Colombina nasceu em São Paulo e aí se desenvolveu, tornando-se a grande poetisa que hoje é. Iva prematura, aos cinco anos, começou a frequentar os bancos da escola alemã, onde, após seis meses de estudo, foi transferida para classe mais adiantada, em virtude da facilidade que encontrou no conhecimento aos primeiros passos escolares.

Aplicou versos ainda bem menina e, aos 14 anos, publicou seu primeiro soneto em um jornal da cidade de Santos.

Já mocinha, viajou para a Alemanha, onde permaneceu por um ano, seguindo depois para a França e Inglaterra. Essa viagem bastante contribuiu para a sua evolução intelectual, pois nela esteve em contacto com o que havia de melhor no gênero, no velho continente. No ano de 1908 publicou a sua primeira coletânea de sonetos. Posteriormente, *Vismores*, *Versos em La Menor*, *Lampião de Gas*, *Sandalo*, *Uma Cigarra Cantou para Você*, *Gaudao*, *Distancia* e o livro de trovas *"Para Você, Meu Amor"*.

Qual é a moça que, de norte a sul do país, não conhece estas belas linhas, as vezes atribuídas a outros poetas, como aconteceu ver eu em algum dessas recordações românticas da mocidade? Logo desfiz o equívoco, dizendo serem versos de Colombina, pois se tratava de um album pertencente a uma moça vinda do Maranhão. E as jovens se deliciam com o: "Querer bem e guardar dentro do alma/ escondida como num relicário / a lembrança de alguém / E sonhar acordado, e ter suspensa a vida / Num olhar que nem sabe o encanto que tem".

Intenzmente, falta-nos às mãos o primeiro livro de Colombina por já se encontrar, de há muito, esgotado; portanto, consignamos aqui uma estrofe de "Magoa Oculta", do seu livro de *Versos em La Menor*: — "E assim eu te esperei, em dias infinitos / êsses dias sem sol, vazios. ...sempre iguais / de quem espera em vão milagres mauditos / os milagres de amor que não existem mais".

Frequentemente, a solidão povoa os sonhos de Colombina e ela transmite ao leitor êsse sentimento angustiante.

E considerada a maior poetisa contemporânea do Brasil, por sua escola, seu gênero, seu estilo e o sentido profundamente humano de seus magníficos versos.

Amã a sua terra natal e a ela consagrou muito de sua obra literaria, e é, ainda, em *Versos em La Menor* que lemos: "Um pássaro de prata a serra sobrevôa / dominando a distancia, além, no azul cobalto / Range a serra, a bigorna estua, e, longe ecôa / a oração da cidade erguida para o alto..."

A alma apaixonada da poetisa não envelheceu e, dentro de sua juventude, ela sente ânsias de cantar "de amor tão fortemente, com tal celeuma e em tamanhos brados" e diz: "Noite alta. E eu sinto o coração batendo / e o mundo, a terra, o céu, tudo esquecendo / os braços te abro, apaixonada e louca".

Apesar dos rudes golpes que a vida impiedosa lhe desfechou, sua vida é uma eterna primavera e nela florescem rosas a mancheias.

A praia é um eterno encantamento da poesia de Colombina e em Itanhaém ela escreve, na alvura da areia: "São enseadas de paz, de ventura e bonança / onde o Infinito é mais azul; mais claro o dia /

onde é mais verde o mar e o sol tem mais pujança / mais estrelas a noite e a tarde mais poesia".

Para o dia dos namorados do ano passado, as livrarias apresentaram um elegante livrinho de trovas. Era o *"Para Você, Meu Amor"*, de Colombina. O namorado pode, então, ler baixinho, com a voz emocionada, para ela que o ouvia com ternura: "O amor, quando é verdadeiro / não tem peso, nem medida / e maior que o mundo inteiro / vale mais que a própria vida".

Ultimamente, publicou o livro *"Manto de Arrequim"*, de prosa repassada de lirismo e emoção. E nem um manto de retamos, pois seu conteúdo e de crônicas sobre variados assuntos. *"Notas de viagem"* nos transmitem trechos do livro *"Cozoados de neve como reis de uma eterna umastia, porque não há nada, nem ninguém, que lhes possa derrubar o trono de granito, a beira dos lagos de turquesa"*...

Assim, o panorama intelectual de Colombina se apresenta através de seus livros em imensa e grandiosa forma.

Seu nome, pela importância de sua obra literaria, encontra-se entre os cinco melhores poetisas da América.

E fundadora da *Casa do Poeta*, entidade que tem por escôpo irmanar os vates, orientar os principiantes e auxiliar os de menores recursos financeiros, estimulando-os e tornando conhecidos os valores inéditos.

Dirige *"Fanal"*, mensário daquela agremiação que reúne produções de poetas da Casa.

E a cigarra continúa a cantar pelas manhãs ensolaradas do Planalto e nas noites garoentas da Paulicéia, com a mesma voz maviosa dos seus primeiros cantos.